

UMBERTO ECO

O PÊNDULO DE FOUCAULT

Tradução de
IVO BARROSO

11ª EDIÇÃO

FGV-SP / BIBLIOTECA



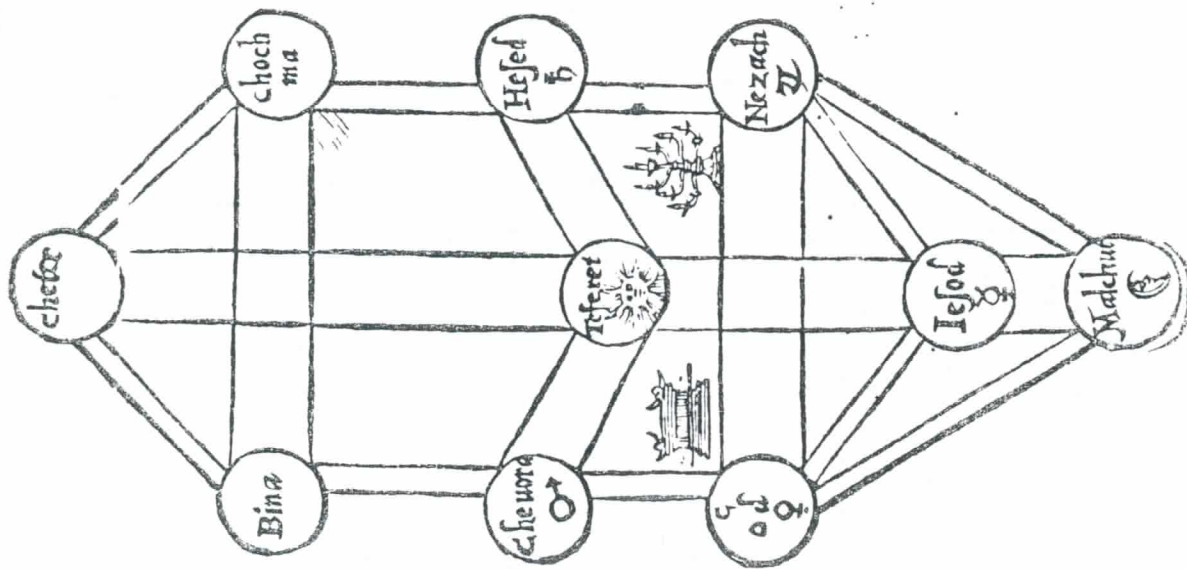
1200703511

03511/2007



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2006



COPYBEM Copiadora

XI de Agosto

P109,1 03 Fls. 5

escolhesse o clarim porque custava menos, a corneta devia valer uma fortuna e não podia impor aquele sacrifício a eles. Haviam-me ensinado sempre que quando te oferecem alguma coisa deves imediatamente dizer não obrigado, e não uma só vez, não dizer não obrigado e estender logo a mão, mas esperar que o ofertante insista, que diga por favor. Só aí então a criança educada cede. Por isso disse que talvez não quisesse a corneta, que o clarim podia muito bem me servir, se eles preferissem. E os olhava de cima a baixo, esperando que insistissem. Não insistiram, Deus os tenha na santa glória. Estavam muito contentes por me comprarem o clarim — disseram — já que eu o preferia. Era muito tarde para voltar atrás. Fiquei com o clarim.”

Senti seu olhar de suspeita: “Quer saber se sonhei depois com a corneta?”

“Não”, disse, “quero saber qual era o objeto de amor.”

“Ah”, disse, voltando a folhear o manuscrito, “veja, até você está obcecado por esse objeto de amor. Esse assunto se pode manipular à vontade. Mas... E se eu tivesse de fato ganho a corneta? Teria sido realmente feliz? Que me diz disso, Casaubon?”

“Talvez começasse a sonhar com o clarim.”

“Não”, concluiu secamente. “Eu só ganhei o clarim. Não creio que o tenha soado.”

“Soado ou sonhado?”

“Soado”, disse escandindo a palavra e, não sei por quê, me senti um bufão.

Por fim, não se infere cabalisticamente de *vinum* outra coisa que não *VIS NUMERORUM*, de cujos números depende esta *Magia*.

(Cesare della Riviera, *Il Mondo Magico degli Eroi*, Mantova, Osanna, 1603, pp. 65-66)

Mas falava de meu primeiro encontro com Belbo. Conheciamos-nos de vista, umas trocas de frases no Pílares, mas não sabia muito sobre ele, salvo que trabalhava na Garamond, e na universidade acontecia caírem-me nas mãos alguns livros dessa editora. Uma pequena editora, porém séria. O jovem que esteja terminando sua tese sente-se sempre atraído por alguém que trabalhe para uma editora cultural.

“E o amigo o que faz?” perguntou-me uma tarde quando estávamos ambos apoiados no ângulo extremo do balcão de zinco, espremidos por um grupo enorme das grandes ocasiões. Era a época em que todos se tratavam por tu, os estudantes aos professores e os professores aos alunos. Não falemos da fauna do Pílares: “Paga um trago aí para mim”, dizia o estudante de dólma verde-oliva ao redator-chefe de um grande periódico. Parecia São Petersburgo nos tempos do jovem Sklovski. Tudo Maiakovski e nenhum Jivago. Belbo não se furtava ao tu generalizado, mas era evidente que o cominava por desprezo. Empregava o tu para mostrar que respondia à vulgaridade com a vulgaridade, mas que existia um abismo entre forçar intimidade e em ser íntimo. Vi-o empregar o tu com afeto, ou com paixão, só poucas vezes e com poucas pessoas, Diotallevi, algumas mulheres. A quem estimava, sem conhecer há muito, empregava o amigo. Assim fez comigo durante todo o tempo que trabalhamos juntos, e eu apreciei o privilégio.

“E o amigo o que faz?” me havia perguntado, agora o sei, com simpatia.

“Na vida ou no teatro?” disse, acenando para o palco do Pílares.

“Na vida.”

“Estudo.”

“Frequenta a universidade ou estuda?”

“Não lhe parecerá verdade mas as duas coisas não se contradizem. Estou terminando uma tese sobre os Templários.”

“Que coisa horrível”, disse. “Isso não é coisa de doidos?”

“Estou estudando os autênticos. Os documentos do processo. Mas que sabe sobre eles?”

"Trabalho numa editora e numa editora aparecem sábios e loucos. É função do redator reconhecer os loucos num golpe de vista. Quando alguém aparece com essa dos Templários é quase sempre um louco."

"Não me diga. Seu nome é legião. Mas nem todos os loucos falam dos Templários. E os outros, como é que os conhece?"

"Tarimba. Já lhe explico, ao amigo que é jovem. A propósito, como é seu nome?"

"Casaubon."

"Não era um personagem da *Middlemarch*?"

"Não sei. Em todo caso era também um filósofo da Renascença, se não me engano. Mas não somos parentes."

"Fica para a próxima. O amigo toma outra? Pilades, mais duas aqui, por favor. Pois vejamos. No mundo existem os cretinos, os imbecis, os estúpidos e os loucos."

"Sobra alguém?"

"Sim, nós dois, por exemplo. Ou pelo menos, sem querer ofender, eu. Mas em suma, todos, a bem dizer, participam de uma destas categorias. Cada um de nós vez por outra é cretino, imbecil, estúpido ou maluco. Digamos que a pessoa normal é aquela que mistura em proporções racionais todos esses componentes, estes tipos ideais."

"Idealypen."

"Muito bem. Também sabe alemão?"

"Arranho, dá para as bibliografias."

"No meu tempo quem sabia alemão não precisava diploma. Passava a vida sabendo alemão. Creio que hoje isso acontece com o chinês."

"Como não sei alemão bastante, me formo. Mas, voltando à sua tipologia, que é o gênio, Einstein, digamos?"

"O gênio é aquele que faz uma componente atuar de maneira vertiginosa, alimentando-a com as outras." Bebe. Diz: "Boa noite beleza. Já tentou o suicídio?"

"Não", responde a passante, "agora estou numa comunidade."

"Ótimo", lhe diz Belbo. Retornando a mim: "Pode-se praticar até mesmo suicídio coletivo, não acha?"

"Mas e os loucos?"

"Espero que não tenha tomado a minha teoria muito ao pé da letra. Não estou pondo o universo no lugar. Estou dizendo o que é um louco para uma casa editora. A teoria é ad hoc, está bem?"

"Está. Agora é a minha vez."

"Concordo. Pilades, por favor menos gelo. Se não entra logo no circuito. Então. O cretino não fala sequer, baba, é espástico. Atocha

o sorvete na testa, por falta de coordenação. Entra na porta giratória pelo lado contrário."

"Como consegue?"

"Ele consegue. Por isso é cretino. Não nos interessa, a gente o reconhece de estalo, e não é do tipo que aparece na editora. Deixemo-lo à parte."

"Pois deixemos."

"Ser imbecil é mais complexo. É um comportamento social. O imbecil é aquele que fala sempre fora do copo."

"Em que sentido?"

"Assim." Ergueu o indicador, apontando-o em direção ao copo, mas veio batê-lo fora, contra o balcão. "O imbecil quer falar daquilo que está no copo, mas vai e volta, acaba falando do que está fora. Se preferir, em termos vulgares, é o mesmo que a gafe do sujeito que pergunta como está sua senhora ao indivíduo que acaba de ser abandonado pela mulher. Dei-lhe a idéia?"

"Deu-me. Conheço muitos."

"O imbecil é muito solicitado, em especial nos eventos mundanos. Põe todos embaraçados, mas depois oferece ocasião de comentário. Em sua forma positiva, torna-se diplomata. Fala fora do copo quando outros cometem a gafe, sabe como desviar o assunto. Mas nos interessa, não é nada criativo, trabalha de repórter, logo não vem oferecer manuscritos às casas editoras. O imbecil não diz que o gato ladra, fala do gato quando os demais falam do cão. Confunde as regras da conversação e quando o faz bem é sublime. Creio que se trata de uma raça em via de extinção, um portador de virtudes eminentemente burguesas. Vidrado em sulão Verdurin, até mesmo em casa Guermantes. Os estudantes ainda lêem essas coisas?"

"Eu leio."

"O imbecil é Joachim Murat, que passa em revista seus oficiais e vê, cheio de condecorações, um da Martinica. 'Vous êtes nègre?', pergunta-lhe. E este: 'Oui mon général!' E Murat: 'Bravo, bravo, continuez!' E assim por diante. Está me seguindo? Desculpe, mas esta noite estou comemorando uma decisão histórica da minha vida. Deixei de beber. Quer mais outro? Não responda, me faz sentir culpado. Pilades!"

"E o estúpido?"

"Ah. O estúpido não se engana de comportamento. Engana-se no raciocínio. É aquele que diz que todos os cães são animais domésticos e que todos os cães latem, mas que também os gatos são animais domésticos e que portanto latem. Ou antes, que todos os atenienses são mortais, todos os habitantes do Pireu são mortais, logo todos os habitantes do Pireu são atenienses."

"O que é verdade."

"Sim, mas por acaso. O estúpido pode mesmo dizer uma coisa certa, mas por motivos errados."

"Pode-se dizer coisas erradas, basta que as razões sejam justas."

"Por Deus. Para que então esforçar-se tanto para se ser animais racionais?"

"Todos os grandes símios antropomorfos descendem de formas de vida inferiores, os homens descendem de formas de vida inferiores, logo todos os homens são grandes símios antropomorfos."

"Essa é bem boa. Já estamos naquele limiar em que a gente suspeita de que algo não se encaixa, mas que nos requer certo trabalho para demonstrarmos o que é e por quê. O estúpido é insidiosíssimo. O imbecil a gente reconhece de súbito (para não falar do cretino), enquanto o estúpido raciocina quase como tu, salvo um desvio infinitesimal. É um mestre dos paralogismos. Não há salvação para o redator-editorial, tem que esperar uma eternidade. Publicam-se muitos livros de estúpidos porque à primeira vista nos convencem. O redator-editorial não é obrigado a reconhecer o estúpido. Se a academia de ciências não o faz, por que deveria fazê-lo o editor?"

"A filosofia não o faz. O argumento ontológico de santo Anselmo é estúpido. Deus deve existir porque posso pensá-lo como um ser que encerra todas as perfeições, inclusive a existência. Confunde existência na mente com a existência no real."

"Sim, mas também é estúpida a refutação de Gaunilone. Posso pensar numa ilha no mar mesmo se tal ilha não existe. Confundo o pensamento do contingente com o pensamento do necessário."

"Uma luta entre estúpidos."

"Certo, e Deus se diverte como um louco. Quis a si mesmo impossível só para demonstrar que Anselmo e Gaunilone eram estúpidos. Que escopo sublime para a criação, que digo, para o próprio ato em virtude do qual Deus se quer. Finalizando tudo na denúncia da estupidéz cósmica."

"Estamos cercados de estúpidos."

"Não se escapa. Todos são estúpidos, exceto o amigo e eu. De novo, sem querer ofender, exceto o amigo."

"Mas sabe que se aplica a prova de Gödel?"

"Não sei, sou cretino. Píladres!"

"A vez é minha."

"Depois dividimos. Epimênides de Cnosso diz que todos os cretenses são mentirosos. Se ele, que é cretense, assim o diz, e os conhece bem, então é verdade."

"Isto é estúpido."

"São Paulo. Epístola a Tito. Ora esta: todos aqueles que pensam que Epimênides seja mentiroso não podem senão confiar nos cretenses, mas os cretenses não confiam nos cretenses, portanto nenhum cretense pensa que Epimênides seja mentiroso."

"Isto é estúpido ou não?"

"Veja. Disse-lhe que é difícil individualizar o estúpido. Um estúpido pode até ganhar o prêmio Nobel."

"Deixe-me pensar... Alguns daqueles que não creem que Deus haja criado o mundo em sete dias não são fundamentalistas, mas alguns fundamentalistas pensam que Deus haja criado o mundo em sete dias, portanto ninguém que não creia que Deus haja criado o mundo em sete dias é fundamentalista. É estúpido ou não?"

"Meu Deus — é o caso de dizer... Não saberia. O que me diz?"

"É em todos os casos, mesmo se fosse verdade. Viola uma das leis do silogismo. Não se pode extrair conclusões universais de duas particularidades."

"E se o estúpido fosse o senhor?"

"Estaria em boa e secular companhia."

"Isto mesmo, a estupidéz nos rodeia. E talvez por um sistema lógico diverso do nosso, a nossa estupidéz é a sabedoria deles. Toda a história da lógica consiste em definir uma noção aceitável de estupidéz. Grande demais. Todo grande pensador é o estúpido de um outro."

"O pensamento como forma coerente da estupidéz."

"Não. A estupidéz do pensamento é a incoerência de um outro pensamento."

"Profundo. Já são duas horas, daqui a pouco Píladres fecha e não teremos chegado aos loucos."

"Já chegamos. O louco é reconhecível de cara. Um estúpido que não conhece os truques. O estúpido procura demonstrar sua tese, tem uma lógica cambeta, mas tem. O louco ao contrário não se preocupa em ter uma lógica, procede por curtos-circuitos. Tudo para ele demonstra tudo. O louco tem uma idéia fixa, e tudo o que encontra lhe serve para confirmá-la. Reconhece-se o louco pela liberdade com que toma nos confrontos os deveres de prova, na disposição de encontrar ilusões. E lhe parecerá estranho, mas o louco mais cedo ou mais tarde acaba vindo com essa dos Templários."

"Sempre?"

"Há também loucos sem Templários, mas os de Templários são mais insidiosos. No princípio não o reconhece, parece que falam de modo normal, depois, de súbito..." Fez um sinal de pedir outro uísque, mas voltou atrás e pediu a conta. "Mas a propósito dos Templários. Um dia desses um indivíduo me deixou um original datilografado

sobre o assunto. Estou quase apostando que seja um louco, mas de aspecto humano. O original começa de maneira pacata. Quer dar-lhe uma olhada?"

"Com muito prazer. Pode ser até que nele encontre alguma coisa que me sirva."

"Não creio muito. Mas se tem uma horinha livre dê um pulo na editora. Via Sincero Renato número 1. Será de mais proveito para mim do que para o amigo. Poderá me dizer desde logo se lhe parece um trabalho fidedigno."

"Por que confiar em mim?"

"Quem lhe disse que confio? Mas se vier confio. Confio na curiosidade."

Entrou um estudante, de fisionomia alterada: "Companheiros, os fascistas estão ao longo do canal, com correntes!"

"Vou esmagá-los", disse o de bigodes à tártara que me havia ameaçado a propósito de Lenin. "Vamos companheiros!" Saíram todos.

"Que fazemos? Vamos embora?" perguntei, culpabilizado.

"Não", disse Belbo. "São falsos alarmas que Pilades manda espalhar para desobstruir o local. Por ser a primeira noite que deixo de beber, sinto-me alterado. Deve ser a crise de abstinência. Tudo o que lhe disse, até este instante inclusive, é falso. Boa noite, Casaubon."

Sua esterilidade era infinita. Participava do êxtase. (E.M. Cioran, *Le mauvais demiurge*, Paris, Gallimard, 1969, "Pensées étranngées")

A conversaço no Pilades me havia fornecido, de Belbo, o vultu externo. Um bom observador teria podido intuir a natureza melancólica de seu sarcasmo. Não posso dizer que fosse uma máscara. Talvez máscara fossem as confidências a que se entregava em segredo. O sarcasmo que representava em público revelava no fundo sua melancolia mais verdadeira, que em segredo procurava ocultar de si mesmo, mascarando-a de uma melancolia amaneirada.

Vejo agora este *file*, onde no fundo tentava romancear o que me dissêra sobre sua ocupação no dia seguinte na editora. Reencontro aqui sua acrimônia, sua paixão, sua desilusão de redator que escreve por interposta pessoa, sua nostalgia de uma criatividade jamais realizada, o rigor moral que o obrigava a punir-se porque desejava o que não se sentia com direito de desejar, dando de seu desejo uma imagem patética e oleográfica. Jamais encontrei alguém que soubesse lamentar-se com tamanho desprezo.

filename: Jim do Pango

Ver amanhã o jovem Cinti.

1. Bela monografia, rigorosa, talvez um pouco acadêmica demais.

2. Na conclusão, a comparação entre Catulo, os *poetae novi* e os vanguardistas contemporâneos é a coisa mais genial.

3. Por que não como introdução?

4. Convencê-lo. Dirá que essas máquinas numa coleção filológica não é coisa que se faça. Está condicionado pelo mestre, arrisca perder o prefácio e estragar a carreira. Uma idéia brilhante nas últimas duas páginas passa despercebida, mas no início não tem escapatória, e pode irritar os mandachuvas.

5. Basta colocá-la em cursivo, sob forma de discurso entendido, fora da pesquisa propriamente dita, de modo que a hipótese permaneça apenas uma hipótese e não comprometa a